

# De quem será o século XXI?

MANSOUR CHALLITA

**A** pesar das profecias que pesam sobre os milênios, tudo indica que o ano 2000 não trará o fim do Mundo. Trará, ao contrário, a perspectiva de um mundo mais maravilhoso que todos os sonhos. Mas quando soar a primeira hora de janeiro de 2001, não entrarão todos os países no século XXI. Muitos estarão ainda na Idade Média. Em que século estará o Brasil no ano 2000?

A resposta dependerá do que vai ele fazer com a educação nesta última década do século XX. Pois, no século XXI, o lugar de cada país no Mundo dependerá menos de sua extensão territorial, número de habitantes e recursos naturais do que do nível cultural de suas elites e de seu povo, de sua capacidade de resolver os novos problemas e criar os instrumentos de progresso que o século requererá.

O Mundo do século XXI poderá continuar a ser dividido politicamente por fronteiras nacionais. Mas economicamente, cientificamente, tecnologicamente, será cada vez mais um mundo só. As grandes invenções desconhecerao as fronteiras e invadirão todas as nações. Imagina-se um país que queira (ou possa) opor obstáculos à entrada de remédios estrangeiros que curem o câncer, por exemplo, ou as doenças cardíacas?

Produtos igualmente milagrosos revolucionarão a agricultura, a cirurgia, os sistemas de comunicação, a produção de alimentos, a computação, a longevidade, a beleza das mu-

lheres, a criatividade do cérebro, a força militar e os demais campos da atividade humana — colocando os países que os tiverem inventado tão acima dos outros que estes deverão importar os novos produtos ou deixarem de evoluir. Aqueles são os países que estão cuidando hoje da educação de seus filhos para que entre eles surjam amanhã os gênios que transformarão o Mundo.

A criança que estuda atualmente no Rio de Janeiro (onde a educação é tão atrasada que o Governo estadual determinou a volta dos professores à escola), essa criança não irá competir no futuro com as crianças que estudam em São Paulo ou Manaus ou Belo Horizonte, onde a educação talvez seja pior do que no Rio; ela irá competir com as crianças que estudam em Paris ou Genebra ou Tóquio ou Los Angeles, porque é para os cidadãos de todos os países que será aberta a concorrência mundial de criar os produtos prodigiosos do século XXI.

O Japão deve seu surto internacional à qualidade da educação, à importância que dá à educação. Simbolicamente, quando um político japonês solicita a uma indústria que instale uma fábrica na sua zona, a indústria pede-lhe em primeiro lugar informações sobre a qualidade das escolas locais e o nível cultural da população e se os jovens sabem ler um manual de matemática.

Outro fato simbólico: Gorbatchov, que está salvando a União Soviética do dogmatismo destruidor de seus governos passados, é o primeiro líder soviético desde Lênin que foi ao colégio. Sua mulher, Raissa, é educa-

da tanto ou mais do que ele. Foi professora de Filosofia e uma das pioneiras dos estudos sociológicos na União Soviética.

O Mundo de amanhã pertencerá aos que estão cuidando da qualidade do ensino nas escolas e nas universidades, aos que estão vencendo a corrida científica. Um país que gasta bilhões com funcionários ociosos e estatais deficitárias — produtos do vergonhoso filhotismo político — que paga um salário-mínimo a um professor e centenas de salários-mínimos aos marajás de tantas câmaras municipais de discutível utilidade (de indiscutível inutilidade?) a ponto de não lhe sobrar dinheiro para proporcionar uma educação condigna a suas crianças, tal país pouca chance terá de chegar ao século XXI no ano 2000. Quantos gênios em potencial estão sendo desperdiçados no Brasil entre os milhões de crianças pobres que não recebem educação alguma e as que recebem uma educação inadequada! São eles que fariam a diferença entre o que o Brasil será e o que poderia ser no ano 2000.

Cada século tem sido caracterizado pela predominância de um tipo humano: houve o século dos bárbaros, dos profetas, dos ciganos, dos santos, das bruxas, dos trovadores, dos senhores feudais, dos filósofos, dos libertadores. O século XXI será o século dos cientistas. A ciência fará de certos países novos paraísos. O atraso científico fará de outros países mendigos nas portas dos paraísos.

Mansour Challita, escritor e jornalista, é Presidente da Associação Cultural Internacional Gibrán.